

Comentário Bíblico Exegético

Salmos 14–20 (KJA)

Uma análise versículo a versículo dos Salmos 14 ao 20, com profundidade acadêmica, rigor exegético e sensibilidade pastoral — fundamentada na tradição hebraica e nas melhores fontes do comentarismo bíblico.

[Iniciar Estudo](#)[Ver Referências](#)

O Tolo e a Condição Humana

O verso inaugural do Salmo 14 apresenta uma das afirmações mais provocativas das Escrituras: **"O tolo diz em seu coração: Não há Deus."** O termo hebraico **nâbâl** (נָבֵל) não descreve simplesmente um indivíduo de inteligência limitada, mas alguém que deliberadamente rejeita os princípios morais divinos — uma perversidade volitiva, não uma ignorância cognitiva.

Esta distinção é crucial para a exegese correta do texto. O *nâbâl* bíblico age como se Deus não existisse em termos práticos, tomando decisões morais e sociais completamente desvinculadas da autoridade divina. O estudioso Alexander Kirkpatrick observa que tal negação não é filosófica, mas funcional — uma apostasia do coração, não do intelecto.

As consequências sociais e espirituais desta postura são devastadoras: onde Deus é descartado da consciência coletiva, a injustiça floresce. O salmista antecipa aqui toda uma teologia da decadência moral que encontrará eco nos escritos proféticos e apostólicos.

Palavra-Chave

(Nâbâl) נָבֵל

Perversidade moral deliberada; rejeição prática da autoridade divina; corrupção ética do coração humano.

Referência Cruzada

Sl 53:1 · Pv 14:1 · Is 32:6

A Busca Divina e o Juízo Universal

Nos versículos 2 e 3, a perspectiva se eleva dramaticamente: o próprio Deus desce o olhar dos céus sobre a humanidade, numa cena que combina investigação judicial e busca amorosa. **"O Senhor olha do céu para os filhos dos homens, para ver se há algum que tenha entendimento, que busque a Deus."**

A Investigação Divina

Deus busca ativamente aqueles que possuem *sekel* (לֵב) — entendimento espiritual prático. Não se trata de sabedoria filosófica, mas da orientação do ser em direção ao Criador.

O Veredicto Universal

"Todos se desviaram; juntamente se tornaram imundos. Não há quem faça o bem, não há nem um sequer." Esta é uma das declarações mais absolutas sobre a depravação humana no Antigo Testamento.

Romanos 3:10–12

O apóstolo Paulo cita diretamente estes versículos em sua argumentação sobre a depravação universal, conferindo ao Salmo 14 um lugar central na teologia paulina da justificação.

A linguagem poética hebraica emprega paralelismo sinonímico para intensificar o peso do diagnóstico divino: desviar-se, tornar-se imundo, não fazer o bem — três facetas da mesma realidade sombria. Ellicott sublinha que a universalidade do texto não admite exceções humanas, preparando o terreno para a necessidade de uma redenção sobrenatural.

A Exploração dos Ímpios

O versículo 4 introduz uma metáfora visceral e perturbadora: **"Não têm conhecimento todos os que praticam a iniquidade, que devoram o meu povo como se comessem pão?"** A imagem de "devorar o povo de Deus como pão" evoca a naturalidade com que os opressores exploram os vulneráveis — sem culpa, sem hesitação, como se fosse parte da rotina cotidiana.

O comentarista Albert Barnes aponta que a ausência do temor a Deus (*yir'at Adonai*) é a raiz de toda opressão sistêmica. Quando a consciência não está ancorada na reverência divina, o ser humano torna-se capaz de reduzir o outro à condição de recurso a ser consumido.

Esta observação do salmista possui profunda relevância sociológica: as estruturas de poder que excluem a dimensão ética transcendente inevitavelmente degeneram em formas de exploração. A cegueira espiritual não é apenas um problema individual — ela molda sistemas, instituições e culturas inteiras.

 **Implicação Exegética:** A frase "não invocam ao Senhor" (v.4b) indica que a exploração e a ausência de oração estão diretamente correlacionadas no pensamento salmístico.

O Medo dos Ímpios e a Presença de Deus

Os versículos 5 e 6 operam uma reviravolta dramática na narrativa: os ímpios, que pareciam onipotentes em sua exploração, são subitamente tomados por um pavor inexplicável. **"Ali os temeram com grande temor, porque Deus está na geração dos justos."** A presença divina entre os humildes inverte radicalmente a equação de poder.

O Pavor dos Ímpios

O termo hebraico *pachad* (פחד) descreve um medo súbito e paralisante. Os opressores descobrem que não estão sozinhos no campo de batalha — Deus está presente entre os justos.

O Senhor como Refúgio

O vocábulo *mach'seh* (מחסה) — traduzido como "refúgio" — evoca um abrigo seguro em meio à tempestade. Os pobres (*ani*) aqui são os humildes e oprimidos que dependem exclusivamente de Deus.

Teologia da Proteção

A presença de Deus entre os justos não é passiva: Ele age em favor dos oprimidos, frustrando os planos dos que buscam envergonhar os pobres. A justiça divina é ativa e histórica.

O Clamor por Salvação

"Ah, que de Sião venha a salvação de Israel! Quando o Senhor trazer os seus cativos de volta, Jacó se alegrará, e Israel se regozijará."

— Salmo 14:7 (KJA)

O clímax do Salmo 14 é um clamor escatológico e messiânico. O salmista, tendo contemplado a profundidade da depravação humana e o julgamento divino, eleva os olhos para além do presente e anseia pela intervenção salvífica de Deus. **Sião** não é aqui meramente um lugar geográfico — é o símbolo da habitação da presença divina, o ponto de irradiação da salvação para toda a humanidade.

Kirkpatrick observa que o verso olha além do exílio imediato para uma restauração completa. A alegria prometida a "Jacó" e "Israel" aponta para uma redenção tanto pessoal quanto nacional, que a tradição cristã identifica com a vinda do Messias e a inauguração do reino de Deus.

Temas Messiânicos

- Sião como centro da redenção divina
- Restauração dos cativos (retorno espiritual)
- Alegria escatológica de Jacó e Israel
- Antecipação da salvação em Cristo (Rm 11:26)

O Perfil do Homem que Habita no Santuário

O Salmo 15 abre com uma pergunta litúrgica essencial: **"Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte?"** Esta pergunta introdutória estrutura todo o salmo como um catecismo ético — uma lista de qualidades morais que caracterizam aquele que está apto a entrar na presença de Deus.



Integridade e Justiça

Aquele que anda em perfeição (*tamim*), pratica justiça e fala verdade do coração. A integridade não é performance externa, mas disposição interior.



Ética da Palavra

Não caluniar, não fazer mal ao próximo, não aceitar propina. A linguagem é espelho da alma — quem habita com Deus governa sua língua com rigor.



Fidelidade nos Compromissos

Cumprir o juramento mesmo quando é prejudicial, emprestar sem usura, não se deixar corromper. O caráter covenantal espelha o caráter de Deus.

Barnes afirma que este salmo não estabelece condições de mérito para a salvação, mas descreve o fruto natural de uma vida transformada pelo relacionamento com Deus. O caráter ético é inseparável da comunhão espiritual genuína.

Confiança e Segurança no Senhor

"Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio. Tu és o meu Senhor; não tenho outro bem além de ti."

— Salmo 16:1–2 (KJA)

Estrutura do Salmo 16

- vv.1–2: Afirmação de confiança e dependência
- vv.3–4: Distinção entre os santos e os idólatras
- vv.5–6: O Senhor como herança e porção
- vv.7–8: Instrução divina e estabilidade
- vv.9–11: Esperança na ressurreição e alegria eterna

O Salmo 16, um *miktam* davídico, é talvez o texto do saltério mais explicitamente messiânico e ressurreccional. A expressão "**não abandonarás a minha alma ao Seol, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção**" (v.10) é citada pelo apóstolo Pedro no Pentecostes (At 2:27) como profecia cumprida na ressurreição de Cristo.

A imagem do Senhor como "porção e cálice" evoca a distribuição tribal da terra prometida — Deus Mesmo é a herança do crente, infinitamente superior a qualquer possessão terrena. Esta teologia da suficiência divina perpassa todo o salmo e o torna uma das declarações de confiança mais profundas das Escrituras.

Oração por Proteção e Justiça

O Salmo 17 é uma oração de inocência — Davi clama a Deus como juiz justo, apelando à sua integridade pessoal diante de acusações injustas e perseguições violentas. **"Ouve, Senhor, a causa justa; atende ao meu clamor; dá ouvidos à minha oração, que não vem de lábios enganadores."**

vv.1–2: Apelo à Justiça

Clamor por um julgamento divino imparcial baseado na integridade do suplicante.

vv.6–9: Pedido de Proteção

A metáfora da "pupila dos olhos" e das "asas" expressa o desejo de proteção íntima e terna.

1

2

3

4

vv.3–5: Prova de Inocência

Davi convida Deus a examinar seu coração, suas palavras e seus passos.

vv.13–15: Esperança Final

A satisfação última virá ao despertar e contemplar a face de Deus — imagem da comunhão eterna.

A riqueza poética deste salmo reside nas suas imagens de proteção: "pupila dos olhos", "sombra das tuas asas" — metáforas que combinam delicadeza materna e força protetora. A sinceridade do orante diante de Deus é o fundamento de toda petição genuína.

Louvor pela Libertação

O Salmo 18 é uma das composições líricas mais longas e majestosas do Saltério, com paralelo em 2 Samuel 22. Seu contexto histórico é explícito: **Davi entoa este hino após ser libertado de todos os seus inimigos e de Saul**. Trata-se de uma teofania épica — Deus irrompe na história com poder incontável para salvar o seu ungido.

vv.1–6: Amor e Clamor

Davi declara amor apaixonado a Deus usando termos militares: rocha, fortaleza, escudo, chifre de salvação. O clamor foi ouvido do templo celestial.

vv.7–15: A Teofania

Terremoto, fumaça, fogo, trevas, granizo e raios acompanham a descida de Deus. Imagens cósmicas descrevem um Deus que move o universo em favor do seu servo.

vv.20–30: Recompensa da Justiça

A fidelidade de Deus corresponde à integridade do crente. Deus é fiel para com o fiel — uma teologia da responsividade divina.

vv.43–50: Soberania Universal

O ungido se torna cabeça das nações. A vitória individual aponta para o reinado messiânico — cumprido em Cristo, o Filho de Davi.

A Revelação de Deus na Criação e na Lei

"Os céus declaram a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos."

— Salmo 19:1 (KJA)

Revelação Geral (vv.1–6)

Os céus funcionam como um texto sem palavras que transcende todas as barreiras linguísticas: **"Não há linguagem nem palavras; a sua voz não se ouve."** A criação proclama constantemente a glória do Criador a toda humanidade, tornando-a sem desculpa (Rm 1:20). O sol é descrito como um noivo saindo do seu quarto — imagem de exuberância e poder irresistível.

Revelação Especial (vv.7–14)

A lei do Senhor (*torat Adonaí*) é descrita com seis atributos magníficos: perfeita, fiel, reta, pura, limpa e verdadeira. Cada adjetivo corresponde a um efeito transformador: restaura a alma, dá sabedoria, alegria o coração, ilumina os olhos. A lei é mais desejável que o ouro e mais doce que o mel — não um fardo, mas um presente.



Atributos da Lei

Perfeita, fiel, reta, pura, limpa e verdadeira — seis qualificativos da Torá no Salmo 19.



Formas de Revelação

Revelação geral (criação) e revelação especial (Lei escrita) — as duas fontes do conhecimento de Deus.



Oração Final

"Sejam as palavras da minha boca e a meditação do meu coração agradáveis perante ti." (v.14)

Oração pela Vitória do Rei

O Salmo 20 é uma liturgia comunitária de intercessão pelo rei antes da batalha. A congregação intercede pelo ungido, e o rei responde com confiança em Deus. Este padrão litúrgico revela a profunda interconexão entre a liderança real e a fé comunitária em Israel.

1

Bênção Comunitária

vv.1–5: A congregação pede que o Senhor responda ao rei no dia da angústia, envie auxílio do santuário e cumpra todos os seus planos.

2

Confiança do Rei

vv.6–8: O rei declara: "Estes confiam em carros e aqueles em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus."

3

Clamor Final

v.9: "Salva, Senhor; que o Rei nos responda no dia em que o invocarmos."
Aplicação messiânica ao reinado de Cristo como Rei eterno.

A teologia central do Salmo 20 é a antítese entre confiança nas forças humanas e confiança no nome de Deus. Esta tensão atravessa toda a história da redenção e encontra sua resolução definitiva no Messias, cuja vitória não é conquistada por exércitos, mas pelo poder de Deus.

Análise Linguística e Poética dos Salmos 14–20

1

Paralelismo Hebraico

A poesia hebraica opera por paralelismo: sinônimo (reforça a ideia), antitético (contrasta) e sintético (desenvolve). Nos Salmos 14–20, o paralelismo sinônimo domina, intensificando a emoção e a teologia de cada verso.

2

Termos-Chave em Hebraico

Nâbâl (tolo moral), **Chesed** (amor leal), **Tamim** (integridade), **Mach'seh** (refúgio), **Torat Adonai** (lei do Senhor) — cada termo carrega densidades semânticas intraduzíveis que enriquecem imensamente a exegese.

3

Metáforas e Imagens Poéticas

Deus como rocha, escudo, pastor, juiz e noivo; o pecado como desvio, imundícia e devoração; a salvação como refúgio, herança e libertação. A riqueza metafórica do Saltério é incomparável na literatura antiga.

4

Impacto na Tradição

Estes salmos moldaram a liturgia sinagoga judaica, o hinário cristão primitivo e a espiritualidade monástica medieval. Sua influência literária se estende de Paulo a Agostinho, de Calvino aos reformadores modernos.

Contexto Histórico e Cultural dos Salmos 14–20

Os Salmos 14–20 refletem o turbulento período davídico (aprox. 1010–970 a.C.), marcado por guerras, conspirações palacianas, perseguições e a consolidação do culto em Jerusalém. Davi não era apenas um rei guerreiro — era um teólogo-poeta que articulava sua fé em meio às crises mais agudas da vida.

O Salmo 18 possui contexto explícito na narrativa histórica de 2 Samuel 22, composto após a vitória sobre os filisteus e a derrota de Saul. Os Salmos 14 e 15 refletem preocupações com a corrupção moral e a integridade litúrgica do povo que frequenta o santuário. O Salmo 20 provavelmente acompanhava rituais reais de preparação para a batalha.

A influência destes salmos na liturgia judaica é incalculável: recitados no Shabat, nas festas peregrinas e na liturgia do Templo, eles moldaram a identidade espiritual de Israel por milênios. A Igreja primitiva os adotou como parte central do seu hinário e catequese.

Linha do Tempo Davídica

- ~**1025 a.C.** — Unção de Davi por Samuel
- ~**1010 a.C.** — Início do reinado em Hebrom
- ~**1003 a.C.** — Conquista de Jerusalém
- ~**1000 a.C.** — Composição dos salmos reais
- ~**970 a.C.** — Morte de Davi

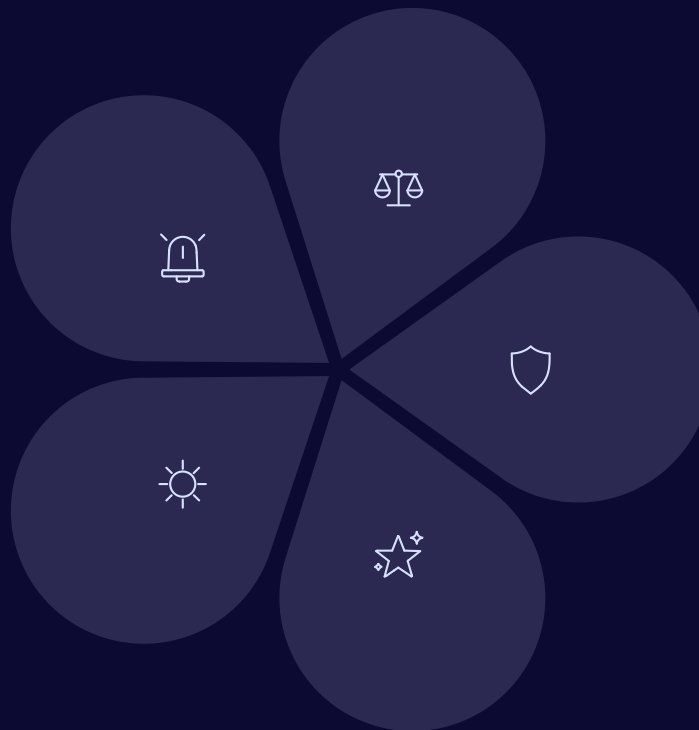
Teologia Central dos Salmos 14–20

Pecado e Depravação

O diagnóstico radical do Sl 14 sobre a corrupção universal é o ponto de partida teológico de toda a coleção.

Revelação de Deus

O Sl 19 articula a dupla revelação divina — na criação e na Lei — como fundamento do conhecimento de Deus.



Justiça Divina

Deus age na história como juiz justo que defende os oprimidos e frustra os planos dos ímpios (Sl 14, 17, 20).

Proteção e Refúgio

O Senhor é descrito repetidamente como rocha, escudo, fortaleza e refúgio para os que confiam nele (Sl 16, 17, 18).

Esperança Messiânica

Os Salmos 14, 16 e 20 apontam para além do presente histórico, antecipando a redenção definitiva em Cristo.

A tensão criativa entre o reconhecimento do mal presente e a confiança inabalável na soberania de Deus é o fio condutor teológico destes sete salmos. O salmista não foge da realidade sombria — ele a enfrenta com olhos voltados para o alto.

Aplicações Práticas para o Leitor Contemporâneo

A distância de três mil anos não diminui a pertinência destes salmos. O diagnóstico do Salmo 14 sobre a negação prática de Deus descreve com precisão cirúrgica o secularismo contemporâneo — não tanto o ateísmo filosófico, mas a **indiferença funcional** que conduz vidas como se Deus não existisse.

O Salmo 15 oferece um espelho ético para o crente de todos os tempos: integridade, veracidade, fidelidade aos compromissos e recusa da corrupção são marcas inegociáveis do caráter cristão. Não são condições de mérito, mas frutos naturais de uma vida transformada pela graça.

O Salmo 18 ensina que a adoração genuína nasce da experiência concreta de libertação divina — não é um exercício intelectual, mas uma resposta apaixonada de quem foi salvo. O Salmo 19 convida à meditação nas duas grandes "bíblis" de Deus: o livro da criação e o livro da Escritura.

 **Desafio Prático:** Medite em um destes salmos por dia durante uma semana, anotando como o texto fala à sua situação específica. A exegese precisa tocar a existência.

→ Integridade como Testemunho

O Sl 15 desafia o crente contemporâneo a cultivar uma ética coerente em todas as esferas da vida — familiar, profissional e eclesial.

→ Confiança em Crises

O Sl 16 e 18 oferecem um modelo de fé que não nega a dificuldade, mas a enfrenta com confiança radical no Deus que salva.

→ Esperança Escatológica

O Sl 14 e 20 nos lembram que a história tem um destino: Deus trará sua salvação plena e os seus serão restaurados para alegria eterna.

Para Reflexão

"Os céus declaram a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos."

Diante da imensidão do universo, toda arrogância humana se dissolve e toda angústia encontra perspectiva. O mesmo Deus que sustenta as galáxias conhece o nome de cada um dos seus filhos.

A Jornada do Crente nos Salmos 14–20

Confiança

Deus como refúgio,
protetor e herança (Sl
15–18)

Reconhecimento

Percepção do pecado
universal (Sl 14)

Esperança

Expectativa
messiânica e
restauração eterna (Sl
19–20)

Os sete salmos estudados compõem uma jornada espiritual completa: da constatação sombria da depravação humana (Sl 14) à contemplação extasiada da glória de Deus na criação e na Lei (Sl 19), passando pela experiência visceral da proteção divina, da comunhão íntima com o Senhor e da vitória sobre os inimigos.

Esta trajetória não é linear apenas no sentido literário — ela descreve o movimento da alma crente ao longo de toda a vida de fé. Cada salmo é um espelho diferente da mesma realidade: um Deus soberano e fiel que se relaciona pessoalmente com cada alma que o busca. O convite final é à meditação contínua, pois a Palavra de Deus é viva e eficaz, capaz de iluminar cada nova circunstância com luz perene.

Síntese Final

- Do pecado reconhecido à graça recebida
- Da angústia ao louvor
- Da fraqueza humana ao poder divino
- Do presente sofrido ao futuro esperado
- Da oração à adoração

Referências e Fontes Acadêmicas

Comentaristas Principais

A. F. Kirkpatrick

The Book of Psalms (Cambridge Bible Commentary).

Referência exegética essencial para o texto hebraico dos Salmos.

Albert Barnes

Notes on the Old Testament: Psalms. Comentário detalhado versículo a versículo com foco histórico e teológico.

C. J. Ellicott

Ellicott's Commentary for English Readers. Análise acessível e academicamente rigorosa dos textos salmísticos.

Referências Cruzadas e Fontes Complementares

- **Romanos 3:10–12** — Citação direta do Sl 14 por Paulo
- **Atos 2:25–28** — Sl 16 aplicado à ressurreição de Cristo
- **2 Samuel 22** — Paralelo histórico do Sl 18
- **Hebreus 2:12** — Sl 22 e a cristologia neotestamentária
- Derek Kidner, *Psalms 1–72* (Tyndale OT Commentary)
- Walter Brueggemann, *The Message of the Psalms*
- Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms*
- Gesenius, *Hebrew and Chaldee Lexicon* — para análise lexical

Assinatura e Versículo Final

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas."

— Provérbios 3:5–6 (KJA)

Autor

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Obra

Comentário Bíblico Exegético

Salmos 14–20 (KJA)

Versículo a Versículo

Propósito

Edificação acadêmica e espiritual do povo de Deus por meio da Palavra examinada com rigor e reverência.

Que este comentário sirva não apenas ao intelecto, mas ao coração de cada leitor — despertando amor mais profundo pela Palavra de Deus e confiança renovada no Senhor dos Salmos.